

A FORMAÇÃO MORAL EM SEI LER,
2º LIVRO DE LEITURA,
DE THEODORO DE MORAES.

Sérgio Alves Teixeira

De resto, não tenho outro desejo senão o de contribuir, não só para que a juventude estudiosa aprenda a conhecer a natureza pátria, mas que comece a amá-la para que surjam homens cultos que se oponham à destruição da fisionomia natural do Brasil.

Balduino Rambo¹. *Elementos de História Natural*, 3º ano seriado, 2ª edição, 1937²

No *Colóquio Formação Moral e Livros Didáticos no Brasil - 1850-1950*, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande Sul, em novembro de 2011, foi com especial satisfação que apresentei - *SEI LER, 2º livro de leitura*, - de Theodoro de Moraes³. Tal satisfação teve a marca da afetividade: pois tratava-se de apresentar meu livro favorito de leitura escolar, no início do anos 40, do qual tinha e tenho presentes alguns dos seus 101 textos (incluindo 11 poesias), ou lições como, muito adequadamente se dizia na época, pelo que ele oferecia.

Na totalidade, voltados para uma formação moral ampla, in-

1 Padre jesuíta, renomado botânico, erudito, foi membro efetivo do IHGRGS, primeiro professor de Antropologia da UFRGS.

2 Agradeço à Isabel C. Arendt, assistente de pesquisa do DOPE - Memorial Jesuíta – Biblioteca da UNISINOS, por ter facilitado o acesso a este livro.

3 Sobre o autor e sua obra ver a Dissertação de Mestrado de Bárbara Cortella Pereira. Theodoro de Moraes (1877-1956) *UM PIONEIRO NA HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA PELO MÉTODO ANALÍTICO NO BRASIL*. MESTRADO 2009. Universidade Estadual Paulista, Marília.

cluídos sentimentos pátrios e ensinamentos práticos para a vida cotidiana, eles põem em primeiro plano, com clareza e, por vezes, acompanhadas de humor, responsabilidades/comportamentos individuais e grupais compatíveis com a harmonia nas relações humanas: particulares, familiares, sociais em todas as suas abrangências e, também com a natureza.

Dois tipos de exercícios completam o livro. Um deles, apresentado no final de cada texto e a ele vinculado, apresenta questões de gramática, de vocabulário, de interpretação. O outro, com presença reduzida, dezesseis ao todo, e apresentado após o primeiro, mostra tirinhas/histórias em quadrinhos, todos com títulos que remetem à formação moral, e solicita aos alunos criarem historietas vinculadas a elas.

Posto isto, vejamos a partir de uma seleção de textos e exercícios, como a formação moral ampla é trabalhada em *SEI LER*. Embora contemplem minhas preferências pessoais, eles expressam com fidelidade o espírito do livro: selecionados ou não, em essência, todos são similares e voltados para a formação moral dos alunos.

Início pelo seu primeiro texto, com o significativo título de *O que é preciso para aprender?* e encerro com o último, também com título significativo: *Terra do Brasil*. A escolha destes textos para se constituírem na primeira e na última lição oferecidas aos alunos por *SEI LER*, é fácil perceber, não se deu por mero acaso.

Aqui, somente eles serão apresentados na íntegra. Os outros serão apresentados por súmulas.

O QUE É PRECISO PARA APRENDER?

- O que é preciso para aprender, perguntou um filho ao pai?
- Para aprender, para saber, e para vencer, - respondeu o pai, - é preciso três talismãs: a alavanca, a chave e o facho.

- E onde encontrá-los? – interroga o filho.
- Dentro de ti mesmo, - explica o pai – Os três talismãs estão em teu poder, e serás poderoso se quiseses fazer uso deles.
- Não compreendo, - diz o filho, cada vez mais intrigado. – Que alavanca e essa?
- A tua vontade. É preciso querer, é preciso remover obstáculos para aprender.
- E a chave?
- O teu trabalho. É preciso esforço para dar volta à chave, e abrir o palácio do saber.
- E o facho?
- A tua atenção. É preciso luz, muita luz, para iluminar o palácio. Só assim poderás ver com clareza, e descobrir a verdade, que vence a ignorância. (p. 15-16)

ESSE LUGAR TEM DONO!

Em um trem completamente lotado e pronto para partir, com muitos passageiros ainda procurando um lugar para sentarem e acomodarem suas bagagens, um retardatário procura um lugar. Já desesperançado de encontrar um assento vago, visualiza um que lhe parecendo livre, prepara-se para ocupá-lo, quando ouve uma voz imperiosa dizer com desdém, esse lugar tem dono! E completa indicando com o beijo, para sua própria pasta, sobre o assento, como sinal de sua ocupação. Outros passageiros próximos a eles riem por saber que era mentira. O trem parte, o “dono” do lugar não aparece e o mentiroso está em brasa e, para tentar esconder sua mentira, acrescenta que seu amigo perdeu o trem. Ouvindo isto o passageiro que estava sendo enganado, pega a pasta e a joga pela janela, na plataforma da estação, como prêmio de consolação para o suposto desatento. (ps.17-18).

QUEM MUITO QUER...

Era uma vez, uma feiticeira que parecia ter parte com o dia-

bo. Bastava pensar o que queria e era atendida. Quando tinha fome, a mesa era posta, o panelão saía da trempe e a comida lhe era. Quando ia ao mato para lenhar, nem precisava pedir. O chão cobria-se de galhos e gravetos secos e já partidos. O vento os reunia e os enfeixava. O feixe de lenha seguia para casa, cantarolando, muito satisfeito. Certo dia ela entendeu de voltar para casa cavalcando o feixe de lenha, por ser mais cômodo. Tenta montá-lo e ele se desfaz no chão. De nada valeram seus esforço para ele se refazer. A partir daí ela teve de trabalhar, como todos, para prover suas necessidades, o que fazia se lamentando de sua desgraça. Quem muito quer, tudo perde.

PESADELOS

Um filho conta para seu pai dois sonhos esquisitos que teve.

O primeiro se passava na casa de um ferreiro. Ele via a goela da forja escancarada e vermelha e ficava atordoado com os golpes do malho na bigorna. O ferreiro manejava os ferros e os martelos pesados como se fossem leves peças de madeira. Um cachorrinho preso a uma roda, dava voltas para movimentar o fole, que atiçava o fogo. Quando o ele cansava, era ameaçado com ferro em brasa e forçado a continuar trabalhando. Que terror! Depois, se cai sem forças, era retirado da roda, e severamente castigado. Apanha, sem gritar e, a cada golpe muda de aspecto e cresce em tamanho. Se transforma em um monstro horrível, a vomitar labaredas, devora o ferreiro e provoca um incêndio que consome toda a casa. Acordou quando nada mais restava para queimar. Foi um pesadelo horrível. O pai explica que o pesadelo, mesmo horrível, foi instrutivo. Não se deve nunca maltratar nem oprimir ninguém. A injustiça transforma homens, como se deu com o cachorrinho, em feras indomáveis, que se avolumam e a tudo destrói. No segundo sonho ele fugia de algo desconhecido e aterrador. Fugindo sempre, sem coragem de voltar-se para ver o que o perseguia, já cansado pela corrida, via-se perdido, quando surge à sua frente, risonho e calmo seu anjo da guarda. Este lhe diz para não temer e encarar o que

lhe aflige. Assim fazendo, o vulto negro que o perseguia vai se afastado até desaparecer. Acordou contente por ter escapado do perigo. O pai lhe diz que no sonho ele viu o mensageiro da Verdade. Assim é. Sempre que fugires e te acovardares, te aparecerão demônios e ameaças. Para que tal não corra deves ser forte, ser um homem. É preciso enfrentar o perigo, não se deixar dominar pelo pânico. Assim tudo o que lhe faz tremer desaparecerá (pp. 24-25).

OS LENHADORES E A UYARA

Um lenhador deixou seu machado cair no rio e desespera-se por perder seu ganha-pão. Uyara, a mãe d'água, ouvi-o e apiedou-se dele e vem à tona trazendo um machado todo de ouro, que mostra para ele e pergunta se é o seu. Ante a resposta negativa, ela mergulha novamente e traz um machado de prata, que ele diz também não ser o seu. Novamente ela mergulha e volta com um machado de ferro que, exultante, ele diz ser o seu.. Ela lhe dá os três machados. Retornado à sua casa ele conta o corrido para um conhecido, que pronto vê no episódio uma boa oportunidade de obter um bom ganho. Ele pega o seu machado, que é também o seu ganha-pão, corre para a beira do rio, no qual atira seu machado e começa a se lamuriar por sua perda.. De imediato a Uyara aflora, trazendo um machado de ouro, igual ao que ela deu para o primeiro lenhador, como prêmio à sua honestidade. Mostra-o para o lenhador interesseiro, perguntado se aquele é o seu machado. Exultante, ele responde que sim. Mas, para seu desencanto, ela dá uma gargalhada e desaparece na água. “Triste e arrependido, chegou em casa o ambicioso, com uma mão atrás e outra adente” (pp. 38-39).

A MAÇÃ DO ADVOGADO

Um famoso advogado tinha por hábito comer uma maçã assada todas as manhãs, após deixá-la esfriar no peitoril da janela. de seu escritório. Um dia, logo que ali colocou a maçã, afastou-se da sala por

alguns momentos. Nesse meio tempo, entrou um amigo, o qual, não resistindo à tentação, comeu a maçã. Voltando à sala e não vendo a fruta, o advogado, simulando grande aflição, perguntou quem teria comido a maçã. Prontamente respondeu amigo dizendo não ter sido ele, o que levou o advogado a dizer, ainda bem! O amigo pergunta o porquê da exclamação e recebe como resposta, por estar a maçã com arsênico, para eliminar ratos que infestam a sala. Pálido, o amigo diz estar envenenado. O advogado o tranqüiliza, dizendo que ele caiu no laço: só queria saber quem comeu a maçã. “Estamos quites, tudo justo e perfeito...” (pp. 72-73)

HOJE POR MIM, AMANHÃ POR TI

Um estudante necessitando consultar um dicionário, manda pedi-lo emprestado a um colega, o qual respondeu que teria todo o prazer de emprestá-lo, desde viesse consultá-lo em sua própria casa. Era de sua norma, que seus livros nunca saíssem das estantes para fora de sua casa. Pouco mais tarde, em dias de muito frio, e com dificuldade para acender sua lareira, o estudante que negara a emprestar o dicionário, mandou pedir emprestado o fole do colega que lhe havia pedido o empréstimo do dicionário. Obteve como resposta, que teria todo o prazer de atender seu pedido, desde que viesse utilizar o fole em sua própria casa. Era de sua norma que seu fole nunca saísse de perto de sua lareira.

BOAS RESPOSTAS

Duas damas de honra de uma rainha, à entrada de um salão se questionavam para saber qual delas entraria primeiro. Nenhuma queria ceder a primazia a outra. A rainha aparece e as damas solicitam que a mesma decida a questão. Ela pergunta pela hierarquia de seus maridos na corte e constata que era a mesma. “Nesse caso, responde a rainha, que a mais tola entre primeiro”(p. 117).

MEIA HORA DE RECREIO

Participante de um caça à raposa, um rei se afasta de sua comitiva e se depara com um camponês encostado à uma árvore, e pergunta o que faz ele ali. Em resposta, ele diz que aguarda o rei passar, pois nunca o viu. Diz-lhe então o rei, para montar em sua garupa, que ele vai levá-lo a um lugar onde poderá vê-lo à vontade. O camponês aceitou a oferta e, no meio do caminho, pergunta como vai reconhecê-lo no meio de sua corte. Será simples diz o rei. É aquele que ficar com chapéu na cabeça quando chegarmos.

Quando alcançam a comitiva o rei lhe pergunta se, agora, ele sabe quem é o rei. O camponês respondeu dizendo “– E esta!... o rei há de ser o senhor ou eu, porque mal aparecemos, todos tiraram os chapéus...” (p. 146).

TERRA DO BRASIL

Espavorida agita-se a criança
De noturnos fantasmas com receio.
Mas se abrigo lhe dá materno seio,
Fecha os doloridos olhos e descansa.

Perdida é para mim toda a esperança
De volver ao Brasil; de lá me veio
Um pugilo de terra, e nesta creio
Brando será meu sono e sem tardança.

Qual o infante a dormir em peito amigo,
Tristes sombras varrendo da memória,
O’ doce pátria, sonharei contigo!

E entre visões de paz, de luz, de glória,
Serenos, aguardarei no meu jazigo,
A justiça de Deus, na voz da História.

D. Pedro de Alcântara (p. 305)

Concluindo a apresentação dos textos, elenco os títulos de 11 deles, dos quais, os 5 primeiros são ou foram bem conhecidos e os demais, mesmo se desconhecidos por seus títulos, mostram bem do que tratam. Se conhecidos, seus autores são indicados.

Resposta adequada – Arthur Azevedo

Canção do Tamoyo – De Gonçalves Dias

Hino ao Sol – De São Francisco de Assis

A espada de Dêmocles

Brasil – De Olavo Bilac

Talhou o leite, mamãe!

Pescar não é destruir

Quem poupa as árvores conserva tesouros (I, II e III)

7 de Setembro

Finalizando, me reporto aos exercícios a partir de figuras apresentadas em histórias de quadrinhos/tirinhas.

APRENDAM COM O BURRINHO

Dois meninos em uma carrocinha puxada por um burrinho seguem por uma estrada e se deparam com um sapo à sua frente. Param, descem, e pegam pedras e paus para matar o sapo. O burrinho, com os meninos ainda no chão, retoma o caminho desviando do sapo. Os meninos observam a cena, trocam olhares entre si e abandonam as pedras e paus. (p.91).

A BILHA QUEBRADA

Homem acompanhado por seu cão segue pela calçada lendo

jornal. Uma menina carrega uma bilha d'água que acaba de encher em uma torneira. O cão salta na menina para festejá-la. A bilha cai e se quebra. A menina chora. O leitor compra uma nova bilha para a menina (p.110).

VIU COMO É?

Macaco em uma árvore colhe frutas e as joga para um macaquinho que, do chão, o observa. Desce e ambos comem as frutas (p. 170).

AH, MALVADO

Num campo, uma borboleta que pousa de flor em flor é capturada por um menino. (p.177).

Referências

MORAES, Theodoro de. *Sei Ler* – Segundo livro de leitura, 33ª edição. Companhia Editora Nacional São Paulo, 1937.

RAMBO, Balduino. *Elementos de História Natural*: 3º ano seriado, 2ª edição. Editora Globo, Porto Alegre, 1937